

Editorial

Em julho de 2024, a comunidade internacional do Campo Lacaniano reuniu-se em Paris, em seu Encontro Internacional bienal, que teve como tema “Angústia: como fazê-la falar”. Tema clínico fundamental desde Freud, a noção de angústia foi revisitada ao longo do tempo — desde a angústia de castração em Hans até a angústia como sinal — e atualizada no ensino de Lacan como afeto que não engana, do qual é preciso extrair uma certeza: “Talvez seja da angústia que a ação retira sua certeza. Agir é arrancar da angústia a própria certeza.”

É exatamente essa a questão tratada por Luis Izcovich em sua conferência “Angústia: enigma e certeza”, traduzida por Lia Silveira, na qual ele aponta como as elaborações introduzidas por Lacan no seminário *A angústia*, ao subverter a concepção clássica da angústia, promovem também uma nova concepção de certeza, que será decisiva para a análise. Uma certeza não mais ligada à expectativa de encontrar a ideia perfeita, mas, sim, a uma experimentação do afeto que produz um assentimento conclusivo, que, por sua vez, não comporta mais nenhuma ambiguidade. Essa relação entre a angústia e a certeza também é tratada no artigo “A angústia: do que não engana e sua certeza”, de Barbara Guatimosim, no qual a autora aborda as suspensões promovidas pela angústia que surgem no ponto mesmo de uma metamorfose, de travessia, fazendo do “afeto que não engana” o indicador de uma certeza. João Pedro Queiroz, no texto “Em psicanálise, a angústia tem lógica? Introduzindo uma leitura lógica modal da angústia na direção do tratamento”, propõe acompanhar os desdobramentos lógicos da angústia no interior do tratamento psicanalítico à luz das elaborações de Lacan sobre a lógica modal.

Vários artigos deste número propõem abordar o tema da angústia a partir da clínica. Em “O sonho de angústia como um sonho fecundo”, traduzido por Maria Claudia Formigoni, Lujan Iuale aborda, por meio de um recorte clínico, os chamados sonhos de angústia, cujo valor clínico é crucial, na medida em que a angústia orienta o analista por meio das derivas do real. No texto “O tempo lógico e a morte: seria possível anteciper a certeza?”, Arthur Kelles Andrade examina a aplicação do conceito de tempo lógico lacaniano na clínica da terminalidade, apresentando o fragmento de um caso clínico. Também abordando a relação da angústia com a morte, o artigo “Entre o advento do desejo e a ventania da morte: relato de experiência sobre a escuta psicanalítica em cuidados paliativos”, de Jéssica Reis Bartsch, Juliana Castro-Arantes e Carolina de Oliveira Cruz Latorraca, propõe reflexões sobre os efeitos da presença de um psicanalista no contexto de cuidados em fim de vida em um hospital geral, considerando a interseção entre o sujeito de desejo e a valorização da dignidade do paciente. Joseane Garcia, em

“Como fazer a angústia falar nos psicossomáticos? A angústia entre o gozo e o desejo”, estuda como passar da escrita do número à leitura pela fala na clínica, apostando, junto com Lacan, que a angústia pode ser intermediária entre o gozo e o desejo, fazendo furo na continuidade dos registros.

Também trazendo a clínica no artigo “O tratamento da angústia por meio da fantasia e do delírio”, Gabriela Gomes Moreira compara dois casos clínicos: um, no qual a interrogação de uma mulher neurótica sobre sua posição fantasmática lhe permite deixar uma posição queixosa para entrar em análise, e outro, no qual um paciente psicótico formula um delírio que lhe permite não ser mais tão intensamente assaltado pela angústia. Julieta De Battista parte justamente da clínica das psicoses em “A comunicação da angústia: angústia nas psicoses e angústia do analisado”, texto com tradução de Gustavo Balcazar e revisão de Maria Claudia Formigoni, explorando a dimensão da comunicação que a angústia pode apresentar e propondo interrogar esse “acento de comunicabilidade” a partir da perspectiva do encontro do analisando com a hipocondria.

No artigo “As amarrações das angústias infantis”, Rosane Melo retoma o caso Hans e aborda a angústia como afeto que reproduz um estado diante de um antigo evento perigoso, qual seja, o desamparo diante das exigências libidinais.

Interrogando os desdobramentos da angústia pela via da extensão, Diêgo Fernandes e Jacqueline Moreira, em “Entre a angústia e o gozo: reverberações do discurso capitalista e a racionalidade neoliberal no laço social contemporâneo”, procuram compreender de que modo o discurso capitalista, pautado pela racionalidade neoliberal, tem reverberado sobre o sujeito e sua relação com o outro no laço social. Em “A interposição do patriarcado no real do feminino: por um empretecimento psicanalítico”, Ronald de Oliveira e Jairo Carioca exploram a relação entre psicanálise, feminismo e questões socioculturais contemporâneas no Brasil, destacando a influência do patriarcado e do falocentrismo nas mulheres e na dinâmica social mais ampla.

No texto “Extraír do estilo o saber de seu ato”, Júlio Affonso Branco e Gabriel Inticher Binkowski articulam a noção de estilo à de angústia, propondo estilo como o saber fazer que extrai da angústia o ato do psicanalista. Maria Célia Delgado de Carvalho, no artigo “Angústia nos meandros da arte”, indaga se é possível pensar a presença da angústia nos processos criativos que permeiam a arte a partir dos percursos singulares de alguns artistas.

Desejamos uma boa leitura!

Rio de Janeiro, dezembro de 2024

Ana Laura Prates